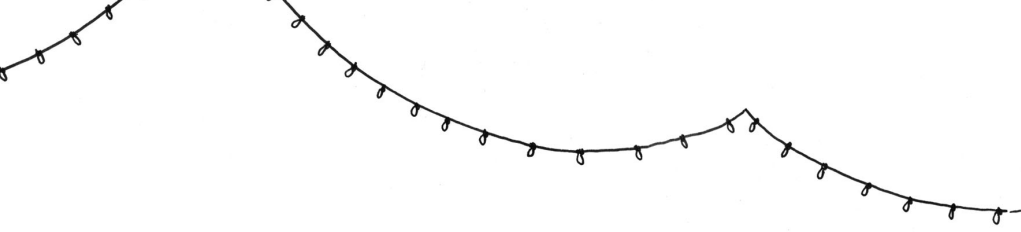




FÃS DO IMPOSSÍVEL

Kate Scelsa

FÃS DO
IMPOSSÍVEL





Kate Scelsa

FÃS DO
IMPOSSÍVEL

TRADUÇÃO DE MARINA VARGAS



Copyright © 2015 by Kate Scelsa

TÍTULO ORIGINAL
Fans of the Impossible Life

EDIÇÃO
Cristiane Pacanowski

PREPARAÇÃO
Milena Vargas

REVISÃO
Rayssa Galvão
André Marinho

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Aline Ribeiro | linesribeiro.com

ARTE DE CAPA
Jenna Stempel

ILUSTRAÇÃO DE CAPA
© 2015 Mia Nolting

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO–NA–FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S316f

Scelsa, Kate

Fãs do impossível / Kate Scelsa ; tradução Marina Vargas. –

1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2016.

336 p. ; 21 cm.

Tradução de: Fans of the impossible life
ISBN 978-85-510-0040-3

1. Ficção americana. I. Vargas, Marina. II. Título.

16-34962

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

PARA AMANDA

E PARA MINHA MÃE E MEU PAI

“O lugar perfeito para enterrar um pote de ouro”, disse Sebastian. “Eu queria enterrar coisas preciosas em todos os lugares onde fui feliz. E então, quando eu fosse velho, feio e triste, poderia voltar, desenterrá-las e lembrar.”

— Memórias de Brideshead
Evelyn Waugh

Você já esteve aqui.

A estrada serpenteia para o norte através das florestas sombrias da Nova Inglaterra. Dunas brancas assomam às margens da estrada, parecem a lua.

Você pode voltar. Mesmo depois de terem magoado muito um ao outro para entenderem por quê. Mesmo depois de o impossível ter se tornado exatamente isso. Algo distante demais do alcance até mesmo de um sonho.

O amor se lembra dos lugares onde pousou, deixando uma trilha invisível em seus corpos. Siga essa trilha. Siga essa trilha e volte para eles.



PARTE 1

JEREMY

No primeiro dia do segundo ano do ensino médio, de alguma forma perdi a capacidade de dar nó em gravatas. Eu tinha usado o mesmo tipo de gravata todos os dias desde o oitavo ano, quando os alunos da Escola Preparatória St. Francis deixavam de usar gravatas falsas, mas naquela manhã ela parecia um objeto estranho em minhas mãos.

— Jeremy — chamou meu pai, do andar de baixo.

O relógio na mesinha de cabeceira marcava 7h49. Eu ia me atrasar.

Meu pai subiu a escada e enfiou a cabeça pela abertura da porta do meu quarto.

— Quer levar uma caneca térmica? — perguntou. — Dave acabou de fazer café.

— Não, obrigado.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Está tudo bem?

— Não consigo ajeitar isso aqui — respondi.

Ele olhou para o nó desganhado pendendo do meu colarinho.

— Quer ajuda?

Assenti. Ele veio até mim, desmanchou o nó meio capenga e fez outro. Observei o rosto dele enquanto se concentrava. Seus lábios se movimentaram de leve, como se estivesse tentando se lembrar de algo.

— Obrigado.

— Sem problema. — Ele terminou e deu um passo para trás, admirando seu feito. — Muito elegante.

— É o mesmo uniforme de sempre

— É um uniforme elegante.

Ele se demorou por um momento, e eu me virei, fingindo colocar alguma coisa dentro da mochila. Eu não queria conversar. Não queria que ele dissesse nada sobre aquela manhã.

Fui salvo pela gata, que se esgueirou pela porta e ondulou o enorme corpo branco e macio entre nossas pernas.

— A gata Dolly Parton veio se despedir de você — comentou meu pai.

Ele insistia em chamá-la de “a gata Dolly Parton”, como se alguém fosse confundi-la com a verdadeira Dolly Parton.

— Obrigado, gata Dolly Parton — disse ele. — Não vai cantar uma música para celebrar o primeiro dia de aula de Jeremy no segundo ano do ensino médio?

Meu pai saiu pelo corredor cantando:

— *And aaaaaaaai... will always love miaúúúú...*

Eu me sentei na cama, a mochila aos meus pés. A gata Dolly Parton pulou para o meu lado e enfiou a cabeça embaixo da minha mão, exigindo que eu coçasse suas orelhas.

— Hora de voltar — falei.

★ ★ ★

Quinze minutos mais tarde, meu pai parou o carro em frente à pequena colina que levava ao prédio principal da St. Francis. São Francisco, protetor das criaturas grandes e pequenas, provavelmente não tinha uma escola particular em mente quando abriu os braços para acolher os pássaros famintos da floresta. Mas, ali em Mountain View, Nova Jersey, esse foi o seu legado.

— Quer que eu vá com você? — perguntou meu pai, observando a multidão reunida no gramado da frente, as garotas de camisa polo azul e saia pregueada verde e azul, os garotos de calça cáqui, camisa de botão azul e gravata azul e verde.

— Não — respondi. — Vou ficar bem.

— Você vai direto para a sala de Peter?

— Vou.

Peguei a mochila, que eu tinha colocado no chão, entre os pés.

— Tudo bem — disse ele. — A gente se vê à noite. Vou chegar do trabalho às seis.

Saí do carro, fechei a porta e me virei para olhá-lo. Ele fez um sinal de positivo e foi embora. Fiquei parado por um momento, então respirei fundo e caminhei até o prédio, passei pela porta da frente e percorri o corredor familiar em direção à sala de Peter.

Ele estava sentado à mesa usando o computador quando entrei. Levantou a cabeça e abriu um sorriso.

— Bem-vindo de volta, Jeremy.

MIRA

Primeiros dias de aula não foram feitos para serem fáceis, e aquele não era exceção. Mira tinha achado que ter Sebby ao seu lado poderia ajudar, mas, assim que ele a encontrou no banco, na subida da colina que levava ao prédio principal da St. Francis, ela soube que fora um erro convidá-lo. Sebby era uma lembrança de sua outra vida, sua vida real, para a qual não havia lugar ali.

Era um dia atipicamente quente para setembro, e a lã da saia pregueada do uniforme esquentava e fazia suas pernas coçarem. A meia-calça que usava por baixo, para impedir que as coxas roçassem uma na outra quando comesçassem a suar, não estava ajudando nem um pouco. Aquele clima parecia ter saído da lembrança idealizada de um verão da infância. Céu azul, sol brilhando, vinte e oito graus. Um dia para tomar sorvete e banhos de mangueira e adormecer na grama com um picolé derretendo na mão.

— Este lugar não deveria ter um grande portão de ferro ou algo assim, para manter a gentalha do lado de fora? — comentou

Sebby. Ele estava deitado com a cabeça no colo de Mira, brincando com as pregas da saia dela.

— Acho que nós somos a gentalha — respondeu ela.

— Exatamente.

Se ela pudesse ter escolhido a roupa que queria usar naquele dia, talvez as coisas fossem mais fáceis. Talvez o vestido de seda vermelho longo e largo, com mangas bufantes e estampa de bambus brancos, combinado com o cinto amarelo neon e tênis verdes. Batom rosa, unhas prateadas. Assim pelo menos teria se sentido protegida sob a armadura de umas de suas concepções estéticas: “vovó glamourosa vai jogar bocha”. Ou talvez o vestido de chiffon marrom de botões, e um laço no pescoço, que poderia usar com um cardigã de renda — “bibliotecária chique” —, celebrando seu retorno ao meio acadêmico. Mas o objetivo do uniforme era eliminar toda individualidade, banindo qualquer traje que pudesse ser considerado “impróprio para aqueles que representam a instituição St. Francis”, como explicava o manual do aluno. Então ela fez o que podia. Unhas prateadas, mas nada de batom. Fora do contexto, achava que o batom rosa-shocking perdia o viés irônico. Prendeu o cabelo em um coque desarrumado no alto da cabeça com um laço cujas pontas pendiam pela nuca, o verde-claro contrastando com a pele morena. Os cachos despontavam do laço em ângulos estranhos, quase escapando, revelando o desejo íntimo de Mira de fugir daquele lugar o mais rápido que pudesse.

Na antiga escola, podia usar o que quisesse. Mas era uma escola pública. Mountain View, ou MouVi, como os alunos a chamavam (ou pelo menos os que gostavam do lugar o bastante para dar um apelido bonitinho), era a escola pública da região onde Mira tinha estudado nos dez anos anteriores. Mas a MouVi não estava preparada para lidar com as “necessidades especiais” de Mira. Haviam deixado isso bem claro. E, depois de nove meses fora da escola, a St. F tinha sido a solução.

— Olha só esses idiotas — comentou Sebbby, observando os adolescentes que subiam a colina.

— Pensa assim: são alvos fáceis — disse Mira. — Mais diversão para você.

— Alvos fáceis nunca são divertidos — retrucou ele, se sentando. — Não me desafiam. Como vou me aprimorar desse jeito?

— Você podia tentar ir à escola. Ouvi dizer que é a última moda.

— Que absurdo. Eu vou à escola.

— Então como pode estar aqui comigo agora?

— Gosto de criar um suspense, deixar todo mundo se perguntando se vou aparecer ou não. Mas, enfim, você sabe que a escola não é muito a minha praia.

— É, bem, acho que também não é a minha.

— Mas você tem tanto potencial.

Mira revirou os olhos.

— Você não vai chegar a lugar nenhum na vida com essa atitude — protestou ele.

— Ai, Deus, não sei se tenho forças para isso.

Sebbby pegou a mão dela e fitou seus olhos.

— Você pode... — começou. Fez uma pausa dramática e continuou: — ... fazer tudo o que quiser.

E em seguida começou a rir descontroladamente, como se fosse um louco.

— Ok, obrigada.

— Espera, ainda não terminei. Você pode realizar... todos os seus sonhos.

— Sério, chega.

Ela se levantou e colocou no ombro a mochila militar surrada que comprara em um brechó. Era a mesma que tinha usado na antiga escola, só que sem as insígnias e os buttons que costumavam cobri-la.

Não são permitidos slogans, logomarcas ou imagens em nenhuma peça de roupa ou acessório, determinava o manual do aluno da St. Francis. Por favor, elimine qualquer vestígio de sua personalidade. Dirija-se à terra dos robôs sem alma, se não se importar.

— Que tal eu me concentrar em passar o dia sem ter um colapso nervoso? — sugeriu ela.

— É um bom começo, acho. — Ele se levantou e a beijou na bochecha. — Não finja que não está destinada à grandeza, meu amor.

Mira ficou impressionada consigo mesma por ter conseguido ficar longe da enfermaria durante toda a manhã. Assistiu às aulas em silêncio, sentada nas últimas fileiras. Foi bem fácil passar despercebida em meio à animação dos reencontros do primeiro dia de aula, com alunos comparando novos cortes de cabelo, novos sapatos, novas gírias aprendidas no verão.

Mas o almoço foi outra história. É um horário que demanda interação. No refeitório havia vinte mesas grandes e redondas, dispostas de uma maneira que dividia os alunos da escola em uma hierarquia autoimposta, baseada em um complicado algoritmo envolvendo passado, interesses e status compartilhados. Então Mira se viu segurando a bandeja repleta de uma comida que, definitivamente, não se enquadraria nos rigorosos requisitos do elaborado plano de restrições alimentares de sua mãe, olhando para o refeitório banhado pelo sol no segundo andar do prédio e tentando reprimir o pânico que crescia lentamente em seu peito. As janelas antissuicídio estavam entreabertas para deixar o ar morno entrar, os alunos mais novos olhando melancólicos lá para baixo, onde o pessoal do segundo e do terceiro anos desfrutavam do privilégio de ficar do lado de fora durante o tempo livre. Como na prisão, a permissão era conquistada após anos de bom comportamento.

Uma salvação improvável surgiu ao lado de Mira na figura de sua vizinha, Molly Stern.

— Miranda! Ah, meu Deus!

Molly a abraçou meio de lado, tentando não derrubar as bandejas de comida que ambas seguravam.

— Oi. Olá, Molly — cumprimentou Mira.

— Minha mãe comentou que ouviu uma história de que você talvez viesse para a St. F este ano, mas ela não tinha certeza, e eu não queria alimentar esperanças se não fosse, tipo, totalmente certo de que isso ia acontecer.

— Bem, aqui estou eu — disse Mira. — Está acontecendo.

Molly morava na mesma rua que Mira, em uma casa enorme até para os padrões da vizinhança repleta de mansões em que viviam. As duas sempre brincavam juntas na infância, uma época de tardes de barraquinhas de limonada e desenhos com giz na calçada. Já naquele tempo, Molly tinha um ar meio desesperado. Seus três irmãos mais velhos eram conhecidos por acertar bolas de hóquei nas janelas dos vizinhos. Algo na expressão de Molly sempre demonstrara uma suspeita de que o destino a havia condenado injustamente a uma vida sem irmãos, e ela nunca o perdoaria por isso.

As duas haviam perdido contato quando Molly começou a estudar na St. Francis, e Mira seguiu o caminho da irmã mais velha, indo para a Mountain View. Ao longo daqueles anos, Mira tinha visto Molly de relance na rua em que moravam vez ou outra, mas foi só então que deu uma boa olhada nela, desde que tinham entrado na puberdade. O nariz ainda era grande demais, e o rosto não crescera o suficiente para acomodá-lo, mas, em compensação, Molly cultivara uma enorme cabeleira para tentar equilibrar as coisas. Alguns diamantes em um pingente pendiam de seu pescoço, revelando um estilo popular entre muitas garotas da St. Francis.

— Você *precisa* se sentar com a gente — insistiu Molly, segurando o braço de Mira e levando-a até uma mesa em que várias alunas se mostravam profundamente envolvidas na tarefa de passar de mão em mão uma revista feminina.

— Meninas — disse Molly, quando chegaram à mesa e se sentaram em duas cadeiras convenientemente vazias —, essa é a Miranda. A gente se conhece desde sempre.

— Na verdade, é só Mira agora.

— O quê?

— Pode me chamar de Mira. Ninguém mais me chama de Miranda.

— Mas na nossa rua você sempre foi Miranda — disse Molly. — Barraquinha de Limonada da Molly e da Miranda. Lembra? Ah, meu Deus, nós éramos tão fofas. Nós moramos na mesma rua — informou às outras garotas da mesa.

— Bem, é só Mira agora — repetiu Mira.

— Bom, tudo bem, eu adoro apelidos. Queria ter um, mas meu nome já é tão curto. É só Molly! Todo mundo sempre me chamou assim.

Sarah, a loura de cabelo perfeitamente penteado e líder não oficial daquela mesa, deu uma risadinha dissimulada e, com um ar de deboche, cochichou “Só Molly!” para Anna, a segunda em comando, uma garota indiana com rabo de cavalo apertado e um risinho afetado permanente.

A garota sentada do outro lado de Mira estendeu a mão para ela, bem formal.

— Eu sou Rose.

Rose tinha o cabelo cortado bem curto, pintado de preto, e usava óculos sóbrios com uma grande armação retangular preta.

— Oi.

Mira apertou a mão dela.

— Como está sendo o seu primeiro dia? — perguntou Rose.

— Ah, normal — respondeu Mira. — Acabei de ter aula de inglês com o sr. Sprenger.

— Todo mundo o chama de Peter — disse Rose.

— Ah, meu Deus, você tem tanta sorte de ter aula com Peter — comentou Molly. — Ele é o mais gato de todos.

— E também é um bom professor — retrucou Rose.

— É, acho que sim — disse Molly. — Eu fico, tipo: “O que você disse, Peter? Eu estava muito ocupada admirando o seu rosto.” — Ela olhou ao redor, em busca de confirmação. — Né?

Mas Sarah tinha outras questões em mente.

— Então você está no primeiro ano, Mira? — perguntou ela.

— Mais ou menos — respondeu Mira. — Eu não terminei o último ano na Mountain View, então vou ter que refazer várias matérias. Eles me deixaram ter aulas de inglês e história nas turmas do segundo ano, mas fiquei nas turmas do primeiro em todas as outras matérias.

— Mas ela não é caloura nem nada — interveio Molly. — Ela é mais velha do que eu. Você devia estar, tipo, no terceiro ano.

— Eu tenho dezesseis anos — explicou Mira, com medo de que, pelo tom enfático de Molly, todas pensassem que ela já tinha uns trinta.

— Uau — comentou Sarah. — Mountain View, hein? Você conseguiu uma bolsa para estudar aqui?

Molly mudou de assunto antes que Mira pudesse responder:

— Não acredito que faz tanto tempo que a gente não se vê! Nós fazíamos um monte de maluquices quando éramos pequenas, né?

Molly tinha o péssimo hábito de terminar quase tudo o que dizia com uma pergunta, como se não pudesse ter certeza de nada até ter consultado todos os presentes para saber o que achavam.

— Muitas barraquinhas de limonada — concordou Mira.

— E o que aconteceu? — perguntou Sarah.

— Com as barraquinhas de limonada? Sei lá. O inverno chegou?
— Não, na Mountain View — explicou Sarah. — Molly disse que você estava tendo vários problemas lá.

Molly começou a rasgar nervosamente um saco de batatas fritas.

— Não foi isso que eu disse, Sarah.

— Ah, desculpa. Achei que tivesse ouvido você dizer exatamente essas palavras antes de ir chamá-la para se sentar com a gente. — Sarah olhou para Anna, fingindo estar confusa. — Acho que entendi errado.

Anna segurou uma risadinha.

— Eu estava doente — explicou Mira.

— Tipo, no hospital? — perguntou Sarah.

Aquilo foi a gota d'água para Molly.

— Sarah, você está sendo muito grosseira. É o primeiro dia da Miranda.

— Então não posso fazer nenhuma pergunta? Só estou puxando assunto.

Mira se levantou.

— Vou atrás de outra coisa para comer — disse, pegando a bandeja. — Esse queijo quente parece de borracha.

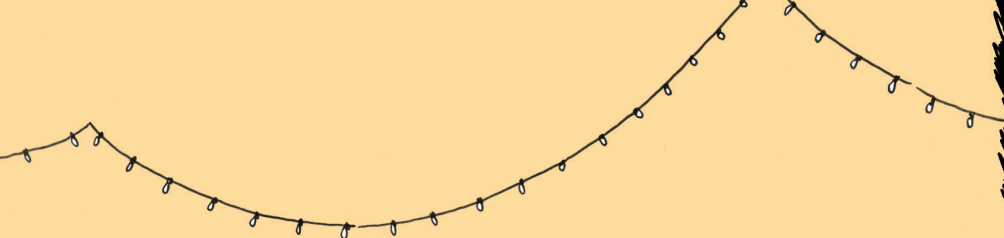
— Ah — soltou Molly, parecendo desapontada. A iniciação no grupo evidentemente não saíra como ela planejara.

— Bem, espero que esteja se sentindo melhor, Mira — disse Sarah, com uma voz melosa que podia ser ouvida a duas mesas de distância. — E que não esteja mais doente. — Ela pronunciou a palavra *doente* como se fosse algum tipo de eufemismo hilário.

— Obrigada — agradeceu Mira.

Foi até uma lata de lixo, jogou fora o resto do almoço, colocou a bandeja em uma pilha na parte de cima e saiu do refeitório.

Mira foi até a enfermaria, no andar de baixo. Entregou o atestado médico permanente à enfermeira e se rendeu ao conforto do leito dobrável, tentando não chorar.



“QUE NÓS POSSAMOS VIVER IMPOSSIVELMENTE.
CONTRA TODAS AS EXPECTATIVAS. QUE AS PESSOAS
NOS OLHEM E SE PERGUNTEM COMO JOIAS ASSIM
PODEM RELUZIR NO TRISTE DESERTO DO MUNDO.
QUE NÓS POSSAMOS VIVER O IMPOSSÍVEL.”

*Uma história comovente em que a amizade entre três
jovens é seu refúgio e proteção contra um mundo hostil.*

KIRKUS REVIEWS

*A trajetória de cada personagem é narrada com primor, e
as dificuldades que eles enfrentam são tão familiares que
permanecem com o leitor mesmo depois da última página.*

PUBLISHERS WEEKLY

